

ARTIGO

Sociedade e Igreja Católica

A Igreja Católica influencia a sociedade? Esta é uma pergunta tão óbvia e geral que se presta a respostas ambíguas de todo tipo. Porém, o debate pode se tornar mais interessante e específico se invertermos a questão: a sociedade poderia exercer influência na Igreja Católica? Também aqui a resposta pode parecer evidente. Mas não é. Vejamos por que.

A propósito das recentes polêmicas sobre a interrupção da gravidez, o arcebispo de São Paulo, D. Odilo Scherer, reclamou que “o presidente precisava ouvir a sociedade”, e complementou “mas mesmo se a sociedade for majoritariamente a favor do aborto, a Igreja será contra”. Claro que o aborto é um tema por demais polêmico e, de antemão, já se sabe a posição oficial da hierarquia eclesiástica católica. Porém, o preocupante, independente dos conteúdos a serem discutidos, é a posição ultimamente tomada por alguns setores desta hierarquia. Tanto na fala do arcebispo quanto em outras falas, há uma única tônica: não é preciso ouvir a sociedade. Ou melhor: a sociedade tem de ser ouvida apenas naquilo que reitera os dogmas eclesiásticos.

Prova disto é que outros temas polêmicos ou menos polêmicos, que passaram a fazer parte da mais recente agenda da igreja, são tratados do mesmo modo. Em nome de uma “identidade católica” ou de vagas categorias dogmáticas, tais como “vida”, “natureza” ou “ordem natural”, todas elas construídas ao longo da Idade Média escolástica, a retórica capitaneada pelo Vaticano, passa a condenar práticas protetoras da vida há muito cristalizadas e consagradas socialmente. São condenados então – pasmem – o inocente uso de preservativos. E aí vem a solução nada original: virgindade para os jovens e sexo depois do matrimônio e para procriação. São ameaçadas com a exclusão do dito círculo católico, pessoas que contraíram outro matrimônio. Deflagram-se campanhas em favor da negação dos direitos civis a uniões homossexuais ou a uniões heterossexuais estáveis. Lembre-se que esta mesma retórica de exclusão já justificara, em um passado não muito distante, muitas

guerras e cruzadas morais ou étnicas; e, mais precisamente, a prática do genocídio indígena e da escravidão negra na América.

Nesta altura, o leitor poderia indagar se não é pedir demais que a Igreja venha a ter posições diferentes a respeito de temas tão polêmicos? Parece que não.

Há setores da própria hierarquia eclesiástica que estão dispostos a discutir todos estes temas com a sociedade desde posições mais saudáveis que aquela de desfilar irrefletidamente um rosário de dogmas constituídos. Por exemplo, o arcebispo emérito de Milão, Carlo Maria Martini, um forte candidato ao papado no último conclave, tem posições bem diferentes a propósito dos mesmos temas. Para ele, a finalidade primeira do casamento não é a procriação, mas o amor. A vida humana não está definida singularmente nas primeiras horas depois da fecundação. A continuação da vida humana física não é um princípio primeiro e absoluto, mas acima disto está a dignidade da vida.

Porém, parece que pedimos pouco quando queremos que a hierarquia eclesiástica venha a ter posições diferentes a respeito de tais assuntos. Não é só isso. O problema preocupante é a Igreja Católica, como já alertaram alguns cristãos engajados, tais como o teólogo Leonardo Boff, voltou a professar a posição de portadora da verdade única e irrefutável. E, com isso, é monológica e passa a fracassar em seu diálogo com a sociedade. E fracassa duplamente: fracassa quando quer impor suas verdades para a sociedade e, mais que isso, fracassa ainda quando assume a posição de quem só tem a ditar e nada a receber da mesma.

Tal posição é bem característica de todos os programas autoritários que se pautam pelos purismos, sejam eles morais, étnicos, religiosos ou políticos. E, na recente história do século XX, já temos exemplos de sobra que mostram o duro preço a pagar e o número de vidas inocentes ceifadas por todas estas tentativas purificadoras.

“A Igreja fracassa quando quer impor suas verdades”

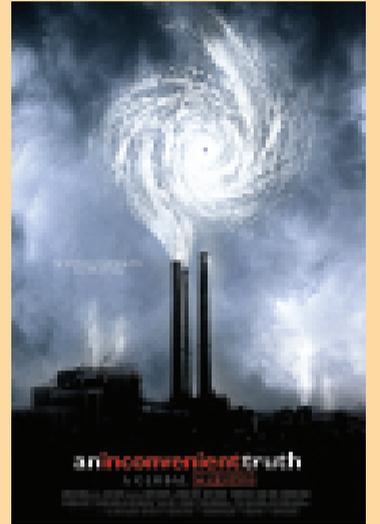


Noeli Dutra Rossatto

Professor do Departamento de Filosofia – UFSM

DICA CULTURAL

FILME



FILME:

UMA VERDADE INCONVENIENTE

Direção: David Guggenheim

Duração: 100 minutos

Quem viu?

Alexandre Maccari Ferreira(*)

Imagine um filme que se pretende imparcial, em que a causa “humana” está acima de qualquer fator político, social, econômico. Agora imagine um político do partido Democrata, que já foi vice-presidente da maior potência econômica da América, ser o protagonista deste filme. Estamos falando de Uma verdade inconveniente, dirigido por David Guggenheim. A obra, construída sobre uma estrutura de palestra, revela Al Gore, em sua ‘cruzada’ ambiental, tecendo uma análise sobre a problemática do aquecimento global, mostrando os mitos e equívocos existentes em torno do tema e também as possíveis soluções para que a Terra não sofra uma catástrofe climática nas próximas décadas. É um ótimo documentário, vencedor do Oscar® na categoria e outro pela sugestiva canção “I Need to Wake Up”, de Melissa Ethridge. Ao espectador, além de tomar ciência das explicações que a obra revela, seria importante também tentar ver as intenções pessoais de Al Gore, a imagem central que é dada aos Estados Unidos e a dúvida central: o filme é predominantemente ambientalista ou político? A resposta fica a cargo do prazer da discussão cinematográfica, mas *Uma verdade inconveniente* não é imparcial. Diríamos que é um filme conveniente - em todos os sentidos. (An Inconvenient Truth (Uma verdade inconveniente), de David Guggenheim. Estados Unidos; 2006; Estúdios: Lawrence Bender Productions / Participant Productions. 100min.

(* Aluno do Mestrado em Integração Latino-americana da UFSM)